

AOS 80 ANOS DE SÃO BERNARDO: UMA RODA DE LEITURA EM MINHA COMUNIDADE

José Eduardo Gonçalves dos Santos
PIBIC UFPE/CNPq
Luiza Moreira Dias
PIBEX UFPE/PROEXT
Cristina Lúcia de Almeida
UFPE – CE/CAP

RESUMO: O presente trabalho, fruto de uma pesquisa em andamento, consiste em um relato de experiência referente a uma das práticas de mediação da leitura literária realizadas no âmbito do projeto de pesquisa e extensão “Laboratório de Pesquisas e Práticas de Leitura da Comunidade de Roda de Fogo”. Na metodologia do projeto, um dos momentos, intitulado “O livro do mês”, é reservado para a socialização de uma obra literária, de variados gêneros. Para este trabalho, em virtude da comemoração dos oitenta anos do romance “São Bernardo”, de Graciliano Ramos, relataremos como se deu o trabalho com uma das obras chave da literatura brasileira, bem como foi a recepção do público, tendo, para composição do *corpus*, questionários dos frequentadores do momento avaliando a ação e apontando o interesse em ler a obra.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolveu-se a partir de uma experiência prática com a mediação da leitura literária em um espaço que encontra-se em constante transformação e destina-se a possibilitar a experiência individual e coletiva com a leitura literária. Com o objetivo de democratizar o cânone e permitir o acesso à literatura em um espaço que vai além da instituição escolar, surgiu o projeto *Laboratório de Pesquisas e Práticas de Leitura da Comunidade de Roda de Fogo*, o qual consiste na construção de uma sala de leitura em uma comunidade desprovida do Recife.

A Sala de Leitura de Roda de Fogo encontra-se em construção e desenvolvimento desde o início de 2013, e tem buscado desenvolver ações com o objetivo de aproximar o leitor desta comunidade com a experiência da leitura literária. Para tal, pensamos em ações que apontem para o caráter estético e social da obra, sem desconsiderar, entretanto, seu caráter subjetivo e abstrato para a construção de um leitor crítico e autônomo. Dentre as ações pensadas, destacamos as que vêm acontecendo continuamente: as oficinas, *de contação de histórias; de histórias em quadrinho, de*

poesia, e sobre diários; e o *Livro do Mês*, ação que consiste na escolha de um livro pertencente ao nosso acervo para ser discutido coletivamente uma vez a cada mês.

Este trabalho, em específico, tem como objetivo principal socializar nossa experiência com a mediação da leitura literária em um *Livro do Mês*, cuja obra discutida foi *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, em homenagem aos 80 anos de sua publicação. A escolha do referido livro justifica-se por uma série de critérios que foram por nós considerados importantes para que ocorresse essa vivência de socialização. O caráter estético, social e universal da obra foram levados em consideração; o fato de possuímos o livro em nosso acervo e a escolha do público alvo – alunos de uma escola do entorno pertencentes ao ensino médio –, e o fato de o mês em que estávamos situados consistir no aniversário de 80 anos de publicação do presente livro. Todos esses critérios guiaram e fundamentaram, portanto, a nossa escolha.

Buscamos, então, socializar a nossa experiência utilizando como parte de nosso *corpus* os registros feitos acerca dos momentos mais significativos de nossa vivência que englobam a recepção do público e a metodologia utilizada para mediar a leitura literária, que se mantém comprometida com o caráter frutivo do texto literário. Com isso, pretendemos estimular discussões de extrema importância acerca do papel da literatura para além da escola e a respeito de seu lugar em diferentes espaços. Segundo Barthes (2013), em sua definição de texto de fruição:

Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 2013, p. 20 e 21.)

É, portanto, procurando permitir aos leitores essa crise com a linguagem que enxergamos a prática da mediação da leitura literária; pois a partir da crise, o jovem leitor amplia seu olhar para com o mundo e ressignifica valores e ideais. O texto literário provoca, desestabiliza, seduz; é a partir dessa concepção que fundamentamos nossa ação de mediar e aproximar a literatura dos leitores frequentadores da Sala de Leitura de Roda de Fogo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para realizarmos uma prática coerente com a mediação da leitura literária faz-se necessário trilharmos um caminho ideológico através da consciência de concepções importantes que justifiquem o nosso papel enquanto mediador. A nossa concepção do

que tomamos como *literário* e nossas ideias acerca do papel que deve ser exercido pelo mediador da leitura literária fundamentam desde nossas escolhas literárias – para compor o acervo da Sala de Leitura de Roda de Fogo – até o tipo de encontro que pretendemos propor neste espaço. Segundo Todorov (2014), acerca de sua concepção de literatura:

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2014, P. 23 e 24)

É partindo da concepção acima que justificamos a nossa prática e afirmamos o poder transformador que a literatura pode exercer sobre o indivíduo, pois a partir do contato com o texto literário podemos ampliar nossa visão de mundo e estabelecer uma mais profunda problematização do real. É, então, a partir daí, que buscamos em nossa prática estabelecer relações entre o que vem sendo apresentado no texto literário com a projeção do real, com o mundo e com a vida, dos envolvidos nas ações; para propormos um encontro com esse *outro*, que se encontra além de nós.

Ainda partindo de algumas concepções apresentadas por Todorov (2014) em seu livro *A Literatura em Perigo* – livro no qual o autor repensa os ideais formalistas e reconhece que além da forma, é necessário reconhecer a relação que a literatura apresenta com o mundo –, podemos observar uma visão que ratifica o que as nossas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas nas escolas do entorno da Sala de Leitura de Roda de Fogo têm nos mostrado: que a literatura tem sido apresentada aos jovens por uma perspectiva muito mais histórica e formal que acaba por afastá-la do jovem leitor ao invés de provocar sua aproximação. Nossa concepção metodológica, portanto, aponta para a apresentação do texto literário em sua totalidade de sentido e caráter universal, não descartando seu contexto histórico de produção, mas não permitindo que esse substitua nosso real objeto: a própria literatura. Todorov (2014) fundamenta bem esse ponto de vista quando afirma:

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser

útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses *meios* de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu *fim*. (TODOROV, 2014, p. 31).

As inúmeras possibilidades de leitura e a multiplicidade de sentido do texto literário devem ser respeitadas e estimuladas. Em consonância com Ivanda Martins (2005), quando essa reflete acerca do ensino de literatura, pensamos o texto literário em uma perspectiva interdisciplinar ao sugerirmos o seu diálogo com outras artes, do ponto de vista intersemiótico. Ampliar a possibilidade de leitura de uma determinada obra permite a aproximação entre o leitor e o texto a partir de sua relação com as artes plásticas ou com o cinema, por exemplo.

Segundo Barthes (2007), em seu texto *Aula*: “Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.” (BARTHES, 2007, p. 18); a partir da afirmação do referido autor, reconhecemos a riqueza de conhecimentos que a literatura apresenta e procuramos explorar suas possibilidades ao máximo em nossas mediações de maneira geral e, especificamente, na vivência aqui relatada, com o livro *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, e seu profundo caráter sociopolítico. Por assim dizer, no tópico seguinte, iremos realizar a ligação das supracitadas linhas teóricas com a prática realizada no âmbito da Sala de Leitura. Em muitos momentos de nosso relato-análise, toda a malha que nos constituiu, teoricamente, aparecerá de modo transposto, em uma didática literária. Contudo, temos como objetivo principal, com o trabalho que ora apresentamos, abordar um significativo momento com a mediação da leitura literária por meio da homenagem a uma das obras que fazem parte da formação do espaço que abriga ações como a relatada e que vem exercendo um importante papel no sentido de permitir experimentações metodológicas para o trabalho com a leitura literária, pautada em critérios estéticos com fins éticos.

ANÁLISE DOS DADOS: UM RELATO EM TOM DE MEDIAÇÃO

*O meu fito na vida foi apossar-me
das terras de São Bernardo, construir esta
casa, plantar algodão, plantar mamona,
levantar a serraria e o descaroçador,*

*introduzir nestas brenhas a pomicultura e a
avicultura, adquirir um rebanho bovino
regular.*

.Graciliano Ramos – *São Bernardo*.

Nosso *fito*, com a Sala de Leitura de Roda de Fogo, sempre foi o de levar além a palavra literária, o empreendimento estético que serve de alicerce social e, socialmente, nos constitui... Desde a escolha das obras que têm por objetivo formar significativos momentos para a mediação literária, como *O livro do Mês*, nosso fito vem sendo endossado e repensado: tem que ter qualidade estética e uma considerável briga social – em si; tem que ser metaliterária e metassocial...: *São Bernardo* conjuga todos os elementos que privilegiamos em uma obra, no nosso caminho do dar a ler. Todos. Mais um. *São Bernardo* apresenta-se como uma das obras enigmas da Literatura Brasileira, representando-se para um cenário universal, em arte literária, com o trabalho de temas universais, a partir de um lugar regional, de modo que vejamos que o universal nada mais é que o regional de onde partimos e de onde nunca ambicionamos sair; uma obra chave, aquela que briga com o leitor e que acaba mostrando mais de um viés de leitura. Podemos lê-la tanto pelo seu caráter psicológico, na construção metamorfoseada de um Paulo Honório, quanto por seu caráter político, das divergências entre Paulo e Madalena, que acabam por deixá-lo só em uma fazenda enorme, terminando seu romance enorme, com mãos enormes. Paulo Honório, de um modo menor, apresenta-nos as enormes memórias de um personagem que não mediu esforços para ter sempre tudo o que quis, em vida; não mediu esforços para obter aquilo que sempre teve por fito.

Mediante tal trabalho, a mediação-leitura inicia-se pela pergunta “é legítimo se fazer tudo quanto se quer para se alcançar algo?”. Como que para seguir com a reflexão, apresentada já no primeiro capítulo da obra, a mediadora volta a provocar “Pense no seu maior fito, em seu maior objeto de desejo. O que vocês chegariam a fazer par tê-lo?”. Passado isso, a mediação segue com a leitura da obra em suas variadas possibilidades, tentando explorar aspectos que chamassem a atenção de nossos leitores por vir à obra apresentada. Logo, seguimos para qual o interesse que uma obra, em sua primeira linha, pode despertar no leitor. Melhor: como ler o livro a partir da primeira linha? Estas foram algumas das perguntas que nortearam nossa ação mediadora, na Sala de Leitura. Dos diferentes modos de ler – iniciando pelo título, pela capa, pela orelha do livro... – sugerimos aos participantes d’*O Livro do mês São Bernardo* uma leitura inicial até o

primeiro ponto, pela concepção que subjaz a prática social de Paulo Honório, em Literatura e em ação sobre o outro – por meio da postura capital. Como seria um livro construído pela divisão do trabalho?

A respeito dessa leitura pelo início, vamos buscar em Foster (2011, pag. 14) o embasamento para nossa ação, uma vez que, para ele

a primeira página, nesse contexto, não é tanto uma garantia quanto uma nota promissória: ‘Ei’, ela diz, ‘tenho uma coisa boa aqui. Você vai gostar. Pode confiar em mim. Me dê uma chance’. E é por isso que a primeira frase é importante.

Qual, portanto, a postura do leitor mediante a frase “Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho.”? (RAMOS, 2003, pag. 1, *grifo nosso*). Foi isso que fomos à busca de saber, provocando os envolvidos na ação acerca de qual seria a concepção de vida de uma pessoa que utiliza-se da capacidade exploratória, do uso do trabalho do outro para o engrandecimento de seu nome. Paulo Honório, em nossas conjecturas, talvez até ambicionasse ser escritor “não pretendo bancar escritor. É tarde para mudar de profissão. E o pequeno que ali está chorando necessita quem o encaminhe e lhe ensine as regras de bem viver.” (Ibid., pag. 2), não sendo por ver que, pela palavra literária, não se pode alcançar o *status* social que ele estabeleceu como *fito de vida*. Em tom metaliterário, Paulo realiza contundentes reflexões acerca da postura literária já tão recorrente em Graciliano: a palavra precisa, a brevidade e a concisão; que acabaram por emprestar à contemporaneidade um modo de dizer muito em poucas palavras. Graciliano é uma referência literária no uso contundente da palavra anti: na palavra que, ainda que breve, faz-se sentida. (Cf. RAMOS, 2006).

Como em tudo na vida, Paulo Honório decidiu torna-se casado para se igualar socialmente aos demais fazendeiros bem sucedidos e com uma família apresentável. À busca da mulher que julgasse agradável a si, por cumprir uma série de critérios observáveis de modo externo, o narrador nos apresenta Madalena: “isso de ensinar bê-a-bá é tolice. Perdoe a indiscrição, quanto ganha sua sobrinha ensinando bê-a-bá?” (RAMOS, 2003, pag.27), como sendo uma professora, com uma excelente formação e de boa instrução, mas que nunca ambicionara a riqueza. Nesse caminho, além de realizar a leitura da postura política do personagem, começamos a observar as aparentes divergências com a sua esposa, pondo em confronto duas posturas políticas de embate, no entorno de produção do livro: *Capitalismo X Comunismo*. Ao fazer isso, estamos, conforme Ivanda Martins (2005), aproximando o contexto de produção da obra,

realizando confrontos entre a história e o empenho literário, promovendo alguma relação interdisciplinar a partir da literatura.

Para tentar encaminhar ainda mais essa perspectiva interdisciplinar, solicitamos aos envolvidos que escrevessem palavras que, de modo primeiro, lembrassem tanto a *Comunismo* quanto o *Capitalismo*. Neste momento, palavras como dinheiro e lucro foram as mais recorrentes, no tocante ao Capitalismo, e mais valia e igualdade, para se referir ao Comunismo. Além dessa leitura política – com foco no social e na relação histórica – a leitura estética e de cunho subjetivo foi mencionada, pondo a obra como sendo participante de uma modernidade literária, trabalhando-a por meio da concepção que toma a linguagem literária como o lugar da conquista:

a linguagem não é só meio de sedução, **é o próprio lugar da sedução**. Nela, o processo de sedução tem seu começo, meio e fim. As línguas estão carregadas de amavios, de filtros amatórios, que não dependem nem mesmo de uma intenção sedutora do emissor. (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 13, grifos nossos).

Uma vez que O livro conjuga a função estética e ética da literatura: arte da palavra, arranjo primoroso no modo de narrar e reflexão apurada e crítica à desigualdade social. Em seu tratado estético, pomos como ênfase a escrita memorialística como construção da identidade do sujeito, da reflexão de sua ação sobre o mundo. E linha ética, destacamos o retrato de um conflito de interesses políticos, de modo que a obra, em linhas narrativas, acaba silenciando a voz de Madalena pondo em questão a problemática do suicídio político. Para tentar aproximar essas discussões com o contexto dos envolvidos, perguntamos que era maior de 16 anos, apto ao voto, realizando uma breve discussão no sentido de motivar a conhecê-los e a intervir na política como cidadãos críticos, dando foco na postura do voto enquanto direito. Mais uma vez, abordamos a questão metaficcional da obra em sua escrita literária curativa: Escrever suas Memórias como estudo da personalidade humana e construção da identidade.

CONCLUSÃO

Podemos dizer que o trabalho com a leitura literária que por nós vem sendo empreendido no âmbito da *Sala de Leitura* é de grande valia, uma vez que nos possibilita partir do literário para os eixos de competência para o ensino de língua, versado pelos documentos oficiais, sem o compromisso primeiro com a didatização da

literatura. Ao fazer isso, não objetivamos formar apenas cidadãos com alguma competência em dado área do conhecimento escolar. Antes, pretendemos formar leitores críticos-reflexivos, capazes de se posicionarem ante ao pragmatismo que envolve esse contexto de circulação literária. Sem um rompimento com essa estrutura de poder, partimos dela para a sugestão de um método que vise a democratização do ato de ler, dando oportunidades diversas de leitura. A cada ação, seguimos com o desejo da continuidade, vendo como todos os envolvidos no processo constituem nossos passos posteriores.

No *Livro do Mês São Bernardo*, intensificamos nosso anseio por trabalhar uma obra chave para a construção de uma consciência moderna da Literatura Brasileira e também para uma justificativa para A Sala de Leitura: foi essa a primeira obra a sair como empréstimo do acervo de nossa Sala, na ocasião do *Livro do Mês Vidas Secas*. Assim, julgamos como sendo sintomático para a sociedade uma ação como a apresentada, bem como ações que esta possa a vir inspirar: ações que vejam no texto a possibilidade de formação do leitor crítico reflexivo, tomando a *Sala de leitura* como partícipe de uma comunidade e, sendo assim, como organismo que participa de um eco maior, contribuindo para a mudança/a transformação.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França. São Paulo: Cultrix, 2007.
- _____. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Edusp, 2000.
- FOSTER, Tomas C. **Para ler como um especialista**. São Paulo: Leya, 2011.
- SILVA, I. M. M. **Literatura em sala de aula: da Teoria literária à prática escola**. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras – UFPE, 2005.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Cia das letras, 1999.
- _____. **Flores na Escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. São Paulo: Record, 2006.
- _____. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. São Paulo: Difel, 2009.